

2.1. Prospecção

The simplest way to find sites is to ask somebody who knows where they are. The smart bluffer should be aware that the most important sites are not found by archaeologists at all, instead they are found accidentally by farmers, quarrymen, construction workers, or aerial photographers (BAHN, 1999, p. 16)

Primeiramente, gostaria de salientar a dimensão abrangente da prospecção, compreendendo a recolha bibliográfica inicial, a análise cartográfica e da fotografia aérea assim como o conjunto das acções de campo, tanto das caminhadas como da recolha de informação oral.

Como já referi supra, este trabalho resultou de uma especificação do projecto COMONPH, quando decidi dissertar acerca do povoado do Pombal. Desta forma as acções de prospecção que realizava na região de Monforte tenderam a ser focalizadas em torno do Pombal, sobretudo num raio de 5 km de distância.

Diversos factores condicionaram as prospecções implicadas, de certa forma conhecidas de todos aqueles que as praticam (Enríquez Navascués, 1990, p. 22-30; Calado, 1995, p. 37-41; Rocha, 1996 e 1999, p. 22).

Pelo exposto noutro capítulo, os sítios relocizados eram sobretudo de cronologia romana, situação ampliada pelas informações de indivíduos locais. Excepção terá sido o contributo de João Peixe, filho de João Peixe, trabalhador nas escavações de M. Heleno, que devido à sua profissão (maquinista agrícola) e ao seu gosto por instrumentos de pedra polida, forneceu dados valiosíssimos, inclusive a sua própria colecção, maioritariamente do Pombal. Mais valiosos ainda quando é ele que efectua as lavras na área do Pombal.

A observação do levantamento fotográfico aéreo (com voos muito altos efectuados em épocas do ano impróprias para este fim) e a abordagem toponímica revelaram-se pouco profícuas. Só em Maio de 2000, graças à dinâmica voluntariosa de Manuel Calado e do seu ultra-leve de trazer às costas (literalmente), foi possível efectuar em boa época um voo baixo sobre a área do Pombal.

Ao relativo insucesso das acções referidas, visando a detecção da presença de sítios pré-históricos, não será estranho o facto de serem “*quase sempre muito discretos em termos de evidência artefactual e, sobretudo, de inscrição na paisagem actual*” (Calado, 1995, p. 36).

Assim, houve que definir uma estratégia de prospecção viável, concordando com os reduzidos apoios disponíveis. Desta forma, optei por uma abordagem selectiva das áreas a prospectar, considerando os factores mais favoráveis à presença das comunidades que procurava estudar (Calado, 1995, p. 40): a ocorrência de água, os solos agrícolas, a topografia, a exposição solar, etc. Claro está, esta selecção esbarrou por várias vezes com o tipo de utilização do solo e a visibilidade dos terrenos. Muitas áreas mantiveram-se imperscrutáveis, por vezes, pelo simples desencontro de calendário — as lavras foram efectuadas em momentos distintos daqueles em que visitei os locais — outras porque o coberto vegetal se manteve inalterável.

A maioria das caminhadas foi inicialmente realizada por mim e, pontualmente, em conjunto com Carla Lopes e outros colegas. No Mapa 3 assinala-se sumariamente as áreas prospectadas.

Após a identificação de sítios, por vezes, apenas achados isolados ou dispersos, só com outras visitas foi possível caracterizá-los melhor, ainda que outros se tenham mantido reduzidos a uma peça recolhida.

Genericamente os sítios foram classificados como achado isolado (de 1 a 2 peças), achado disperso (mais de duas peças, mas mesmo assim sem elementos suficientemente caracterizadores), habitat, necrópole (cista, anta, mamoa), menir e santuário — no caso concreto, pedra com covinhas, ainda que esteja consciente das dificuldades salientadas por M. Calado (1995, p. 127-128).

Como o objectivo essencial era avaliar o povoado do Pombal, as prospecções ali realizadas compreenderam vários momentos, tendo sido feitas em “pente”, com os prospectores espaçados a 5 m. Face à extensão e qualidade dos vestígios optei por apontar as recolhas na Carta Cadastral (1:5000) com as várias manchas de materiais, normalmente com áreas “vazias” entre si (Mapa 4). Assim, **Pombal 1** corresponde à área de necrópole “visigótica” e à principal mancha de materiais pré-históricos que se estende para Norte (numa espécie de patamar alargado); **Pombal 2**, distinguido por um vazio de cerca de 30-40 m, ocupa uma pequena lomba de terreno, apresentando uma concentração de materiais romanos, mas onde se recolhem também peças pré-históricas; **Pombal 3**, do lado Sul do ribeiro de Palma, numa lomba de terreno, onde João Peixe recolheu um instrumento de pedra polida (*ppo*) e, posteriormente, recolhi ali cerâmica de revestimento; **Pombal 4 e 5**, onde também João Peixe recolheu 2 *ppo*, respectivamente, encontrando eu variado material pré-histórico no primeiro, e nada no segundo. O primeiro situa-se numa lomba de terreno que se estende em patamar para Nordeste, enquanto o segundo foi recolhido na encosta suave exposta a Nor-Noroeste, delimitada pelo ribeiro da Carrilha. Por fim, **Pombal 6**, no cimo do patamar de Pombal 4, apresentou uma dispersão de percutores. Resumindo, se a dispersão de materiais mais modernos se localiza em áreas restritas, as peças pré-históricas dispersam-se por uma área bem maior. Isto não obviou que estabelecesse uma designação para cada um deles, permitindo um melhor conhecimento do que se achou e onde, ainda que sejam tratados como um todo. Aliás, é-me totalmente impossível esclarecer onde João Lino da Silva realizou as suas recolhas de superfície, “*derroda do Cimitério do Pombal*” (Silva, 1953), e, apesar da excelente memória geográfica de João Peixe, este não consegue separar as peças recolhidas em Pombal 1 daquelas de Pombal 2.

2.2. Critérios de análise dos dados materiais

2.2.1. Os materiais cerâmicos

Consultando a diversa bibliografia acerca da classificação dos **recipientes cerâmicos**, verifiquei que no essencial se baseiam em Balfet et al. (1983) e Ericson e Stikel (1973). Assim, procurando abordagens mais próximas da realidade estudada, foram consideradas as propostas de C. T. Silva e J. Soares (1976-77, p. 181-184), V. Gonçalves (1989, p. 147-151), Senna-Martinez (1989, p. 222-228), Enríquez Navascués (1990), Ana Dias (1996, p. 11-26) e A. Valera (1997). No entanto, a abordagem apresentada por M. Calado (1995) revelou-se mais pragmática perante o universo disponível de peças cerâmicas: material de habitat, proveniente de escavações antigas, onde normalmente só foram recolhidos os fragmentos cerâmicos com bordo, impossibilitando posteriores remontagens, e de prospecções de superfície, muito fragmentado, sobretudo limitado a bordos, impossibilitando reconstituições integrais fiáveis. Algo que outros autores também apontaram (por exemplo Enríquez Navascués, 1990, p. 31; Silva e Soares, 1976-77, p. 182) mas que, ainda assim, não os fizeram recuar nas medições de recipientes cujas reconstituições eram, pelo menos, demasiado especulativas.

Optando, então, no essencial, por seguir a solução de M. Calado (1995) baseada na análise dos fragmentos de bordos, apreciei o facto da sua proposta não se revelar autista em relação a anteriores abordagens (Calado, 1995, p. 52), permitindo as sempre necessárias equivalências com outras propostas de catálogos de formas.

As variáveis essenciais para o catálogo de formas que proponho são a **forma geral**, a **morfologia do bordo** (espessamento e direcção) e a **morfologia do lábio**.

A **forma geral** divide-se em formas simples (um sólido de revolução — esfera, cone ou cilindro) e compostas (associação de sólidos de revolução). As formas simples baseiam-se exclusivamente na esfera, enquanto as formas compósitas apresentam para a parte inferior uma porção de esfera e para a superior o tronco de cone, o tronco de cone invertido ou o cilindro. A inclinação das paredes desta parte superior foi interpretada como a extroversão ou introversão dos bordos. Neste grupo compósito consideram-se apenas os recipientes carenados.

Formas simples abertas: pratos e taças – estabelece-se a separação pelo Índice de Profundidade 25 (<25 – pratos/>25 – taças). Quando este Índice não é calculável utilizo o ângulo formado pelo bordo e parede do fragmento com o plano de abertura. Até 45° são pratos de 45-90° são taças.

Formas simples fechadas: vasos e potes – seguindo o registo dos ângulos, 135° é a fronteira, sendo potes os mais fechados.

Formas compostas – recipientes carenados: abertas – taças carenadas (parte superior troncocónica invertida ou cilíndrica) e fechada – vasos carenados (parte superior troncocónica).

Morfologia do bordo:

Bordos sem espessamento – simples e adelgaçados (quando a espessura do bordo é inferior à parede da peça).

Bordos com espessamento – reforçados, almendrados e indiferenciados.

Nos reforçados o espessamento desenvolve-se mais ou menos perpendicularmente à parede; no almendrado o espessamento desenvolve-se mais ou menos paralelamente à parede;

O espessamento pode ser interno, externo e interno-externo. Para ambos os casos detecta-se uma ruptura no perfil mais ou menos perceptível com a parede. Quando o espessamento não se destaca da parede classifica-se como indiferenciado.

Nos bordos almendrados considerou-se pertinente o registo da largura do lábio: pode ser largo (> 3,5 cm), médio e estreito (largura é igual ou inferior à espessura do bordo).

Quanto à direcção do bordo, este pode ser: direito (sem mudança nítida de direcção relativamente à da parede do vaso), introvertido ou extrovertido.

Morfologia do lábio do bordo: poderá apresentar-se aplanado ou convexo.

Na tabela, todas estas variantes ficam reduzidas a dois campos: N.º da Forma + o tipo de bordo (ex: F1/IA – 6H)

A opção pela escolha supra não excluiu o registo dos atributos mensuráveis dos recipientes (sempre em milímetros), sobretudo aqueles necessários para o cálculo dos Índices de Abertura (IA) e Profundidade (IP). São eles:

Dia – diâmetro interno da abertura

Dmi – diâmetro máximo interno

Ai – altura interna.

Ac – altura da carena, medida externamente

Ame – altura máxima externa

Índice profundidade: $IP = A_i \times 100 : D_{mi}$

Índice abertura: $IA = Dia \times 100 : D_{mi}$

Índice altura da carena: $I_{ac} = A_c \times 100 : A_{me}$

Outra variante que registarei será a espessura média da parede do recipiente, procurando dessa forma detectar alguma regularidade. Nos recipientes carenados será ainda apontado o espessamento da carena.

A análise das pastas seguiu a proposta de Senna-Martinez (1989) e A. Valera (1997) quanto à Consistência e Textura:

Consistência (C):

Compacta (c) – quando se apresenta rija, fracturando com dificuldade, mesmo com a utilização de uma ponta de aço (*x-acto*), *enp* de pequeno calibre, bem distribuídos, proporcionando uma forte consistência à pasta.

Média (m) – a pasta fractura facilmente com o emprego de uma ponta de aço.

Friável (f) – quando basta uma pequena pressão com a unha para fracturar a pasta” muito pouco compactas, onde os elementos não plásticos (*enp*), normalmente de granulometria grosseira se desagregam com facilidade.

Textura (T):

Homogénea (h) – quando dificilmente se distinguem, em fractura recente e à vista desarmada, os elementos constituintes. Os elementos não plásticos (*enp*) apresentam-se bem distribuídos na matriz argilosa.

Xistosa (x) – quando os elementos constituintes se dispõem em lâminas grosseiramente paralelas.

Granular (g) – quando a pasta se mostra aglomerada em grânulos de diâmetro significativo (>1mm).

Arenosa (a) – corresponde sempre a pastas aglomeradas em grânulos de diâmetro pequeno (<1mm), de consistência friável e com uma forte componente de areias.

Análise dos elementos não plásticos (*enp*) não será feita por considerar pouco pertinente a informação dela proveniente. Esta posição teve em consideração a opinião expressada por Ana Dias (1996, p. 24) quanto à impossibilidade de discernir a proveniência dos *enp* (se pertencentes à argila ou adicionados) e, sobretudo, a análise que A. Coelho e J. Cardoso (1992) efectuaram nalgumas cerâmicas de Monte da Tumba, salientando que só com a análise petrográfica se poderá valorizar essa informação.

O registo do tipo de cozedura limitar-se-á a cozedura de tendência redutora (r) e de tendência oxidante (o).

O tratamento das superfícies interno e externo seguiu a proposta de V. Gonçalves (1989, p. 148): rugosas (r), alisadas (a), polidas (p) e com engobe (e).

A **técnica decorativa** dos recipientes cerâmicos e, também, dos elementos de tear, foi simplificada de acordo com os exemplares estudados, após a consulta das propostas de M. Sanches (1997, p. 96-100), M. Calado (1995, Fig. 5) e A. Valera (1998). Assim, considerei a impressão, a incisão sem ou com punção rombo, modelagem e aplicações plásticas (ex. mamilos). A cerâmica campaniforme, ainda que use algumas das técnicas decorativas atrás enumeradas, pela sua especificidade, será tratada separadamente.

A análise dos **elementos de tear** (*et*), mais frequentemente designados por “pesos de tear” seguiu as propostas de M. Diniz (1994, p. 133-147) com algumas modificações. Com um universo de várias centenas de fragmentos de elementos de tear, procurei aplicar algumas das suas reflexões acerca do tema, assim como contribuir para o registo mais rigoroso destes artefactos.

Primeiramente, a designação de placa ou crescente começa por ser um critério distintivo.

Crescente – regista-se o tipo de secção, circular, ovalada ou poligonal (consequência de arestas vincadas), anotando as suas espessuras, transversal e paralela, aos furos, nas extremidades, e na área mesial. Nas extremidades a medição será realizada na área perfurada (quando exista).

Placa – porque este tipo apresenta normalmente uma forma paralelepipedica considerarei pertinente registar se as arestas são arredondadas ou vincadas, o que influencia o seu plano mais ou menos ortogonal. Com o intuito de calcular os Índices de Alongamento e Espesamento são apontadas a espessura e a largura (a meio da peça), e o comprimento. No caso de uma das extremidades estar quebrada, mas detectando-se a/s perfuração/perfurações presumir-se-á distância igual àquela oposta. Perante ambas as extremidades fracturadas não considerarei esta dimensão.

Registar-se-á o número de perfurações das peças: de 2 ou 4 perfurações. Estes furos discriminam-se juntamente com o diâmetro aproximado de cada um deles ainda que em campos distintos, mas correspondentes (ex. 1 perf.(3 mm) + 1 (4 mm)/1 perf. (4 mm) + ? quando não é possível detectá-lo). Aponta-se ainda a posição dos furos: centrada (ex. podendo apresentar 2 + 2 furos ou 1 + 1 furos) ou descentrada (1 + 1 furos próximos de um dos cantos da peça).

Optei por anotar as distâncias entre furos de extremidades (ex: $(x - x)/(x - x)$) no caso de 2 + 2 furos; ou $(x - x)$ quando 1 + 1) e, no caso de pares, entre si (ex: $x - x/x - x$). Devido à forma dos crescentes, registei a distância em linha recta entre as perfurações.

Sempre que possível no desenho das faces das peças procurará anotar-se o desgaste visível dos orifícios.

Quando as peças se apresentem inteiras registarei o seu peso (em gramas). Por impossibilidade logística vi-me condicionado a utilizar uma balança digital que arredonda os pesos a intervalos de 5 g. Incluí também aquelas peças em que faltasse(m) a(s) extremidade(s), desde que fossem visíveis as perfurações.

A presença de decoração dos elementos de tear seguiu o registo proposto para os recipientes cerâmicos. Semelhante situação ocorre com os critérios de pastas, cozedura e tratamento de superfícies, neste último caso, apenas externas.

Acerca de **outros objectos** feitos de barro, registei eventuais artefactos simbólicos, fragmentos de algaravizes e cerâmica de revestimento (ou barro de cabana).

2.2.2. Os materiais líticos

Sendo a **pedra lascada** o conjunto mais reduzido de peças, estas foram listadas como núcleos, lascas sem ou com retoque, lâminas e pontas de seta. Salientando-se pela sua importância (Calado, 1995, p. 57) o tipo de matéria-prima foi registado por sílex (onde se inclui o chert), o xisto negro e o silicioso (comumente designado jaspóide), o quartzo (leitoso e hialino) o quartzito e outras rochas pontuais. A classificação petrográfica sumária foi efectuada por Fernando Real.

O universo de artefactos de **pedra polida** (*ppo*) existente é essencialmente constituído por utensílios de corte e percussão.

Como exercício inicial, optei por classificar empiricamente os materiais: será machado ou enxó consoante o bisel do gume seja, respectivamente, simétrico ou assimétrico (Calado, 1995, p. 56), formão/escopro, se tiver cerca de 20 mm, ou menos, de largura e bisel simé-

trico (Calado, 1995, p. 56, e posterior esclarecimento pessoal) ou assimétrico, e goiva, com bisel côncavo-convexo (Senna-Martinez, 1989, p. 594). Para aquelas peças em que o gume se apresentava demasiado rombo, impedindo a leitura *supra*, utilizei o critério da secção longitudinal, considerando enxó, aqueles instrumentos com secções plano-convexa e côncavo-convexa, característica salientada por Senna-Martinez (1989, p. 594). Para além dos quatro tipos de instrumentos referidos, acrescento o martelo (podendo ser artefacto de origem ou a reutilização de outros tipos de artefactos polidos), assim classificado pelo desgaste de uma ou das duas extremidades da peça, atribuindo-se-lhe um uso técnico distinto. O facto de registar desgaste no gume e talão poderá indicar que essa peça deixou de estar encabada. Aliás, registo alguns casos onde um instrumento de pedra é utilizado como percutor, registando desgaste, não só nas extremidades, mas também nos bordos. Também, outro tipo de peça me parece ser resultado de uma reutilização, isto é, um *ppo* apresentando o gume boleado, que designarei como polidor. Procurando aferir a validade desta abordagem empirista, a classificação obtida foi comparada com um registo mais arqueométrico.

Baseei-me sobretudo em Victor Gonçalves (1989), Senna-Martinez (1989), Fábregas Valcarce (1991) e António Valera (1997), ainda que no essencial estes autores apresentam critérios semelhantes, resultado lógico da influência comum de Leroi-Gourhan et al. (1968).

Assim, passo a explicar a lista de atributos significantes constante da base de dados:

- Condição da peça (*cp*)
 - Inteira (i) (quando é possível avaliar as suas dimensões básicas: comprimento, largura e altura)
 - Fragmentada (f)
- Tipo de peça (baseada na classificação empírica acima referida)
 - machado (m)
 - enxó (e)
 - formão (f)
 - goiva (g)
 - martelo (t)
 - polidor.
 - indeterminada (X)
- Dimensões (em milímetros)
 - c*–Comprimento máximo (entre as extremidades).
 - l*–Largura máxima (entre bordos).
 - e*–Espessura máxima (entre flancos ou faces).
- Destas medições obter-se-ão os Índices de Alongamento ($IA = c \times 100/l$) e Espessamento (ou Robustez) ($IE = c \times 100/e$). Estes índices revelam-se importantes para Senna-Martinez (1989) e A. Valera (1997) na classificação da peça e é sobretudo com este critério que se pretende comparar a análise mais empirista.
 - Peso (*p*) (em gramas).
- Secção transversal (*st*), simplificada de acordo com M. Calado (1995, p. 56).
 - Arredondada (a)
 - Poligonal (p)

- Secção longitudinal (*sl*) (lida pelas faces da peça).
 - Plano-convexa (*pc*)
 - Côncavo-convexa (*cc*)
 - Biconvexa (*bc*)
 - Biplana (*bp*)

- Polimento (*pol*).
 - gume (*g*)
 - gume e parcialmente as faces (até meio do comprimento da peça) (*pf*)
 - gume e parcialmente os bordos (até meio do comprimento da peça) (*pb*)
 - gume e parcialmente as faces e os bordos (até meio do comprimento da peça) (*pfb*)
 - gume e integralmente as faces (*if*)
 - gume e integralmente os bordos (*ib*)
 - gume e integralmente as faces e bordos (*ifb*)

- Estado do gume (*egum*)
 - intacto (*i*)
 - com ligeiros sinais de uso (quando o gume se apresenta com pequenas lascagens) (*lu*)
 - com intensos sinais de uso (quando o gume se apresenta bastante lascado) (*iu*)
 - rombo (*r*)
 - boleado (*b*)

- Bisel do gume (*bgum*) (classes baseadas em M. Calado (1995, p. 56).
 - simétrico (*s*)
 - assimétrico (*a*)

- Linha do gume (*lgum*).
 - rectilínea simétrica (*rs*)
 - rectilínea assimétrica (*ra*)
 - convexo-simétrica (*cs*)
 - convexo-assimétrica (*ca*)

- Estado talão (*egum*)
 - intacto (*i*)
 - lascado (*l*)
 - lascado e rombo (*lr*)
 - rombo (*r*)

- Matéria-prima (*mp*), efectuando uma leitura bastante sumária
- Observações (Obs.), para características não consideradas *supra*

Será ainda neste capítulo que se incluirão **outros objectos líticos polidos**: o único almorfariz de calcário conhecido deste sítio, assim como algumas placas ali recolhidas.

A **pedra afeiçoada** será abordada em dois grupos de utensílios: os **percutores** e os **elementos de moagem**.

Seguindo a proposta de Leonor Rocha (1996) acerca dos **percutores**, para além de discriminar a matéria-prima em quartzo (*q*), quartzito (*qt*), anfíbolito (*a*) ou indeterminada (*i*),

considerarei as morfologias esferoidal (e), alongada (al), achatada (a), discoidal (d) e irregular (i). Regista-se ainda se a peça está inteira (i) ou fragmentada (f). No campo observações apontou-se se é seixo rolado, instrumento de pedra polida reutilizado (*ppo*) ou outras características não discriminadas.

As áreas usadas da peça foram descritas da seguinte forma:

- nas arestas (a)
- nas faces (f)
- nas arestas e nas faces (af)

Estas áreas foram descritas quanto à sua frequência de uso utilizando dois dos critérios propostos por V. Gonçalves (1989, p. 126):

- usado (u) (menos de metade das áreas de utilização possível com sinais de impacto)
- muito usado (m) (mais de metade das áreas de utilização).

Para os **elementos de moagem**, após a leitura de V. Gonçalves (1989, p. 133), A. Valera (1997, p. 21-22) e L. Rocha (1996), primeiramente, avalei o estado da peça apontando-a como inteira (i) ou fragmentada (f). Em ambos os estados procedi a uma classificação empírica – dormente e movente – indicando eventuais características de reutilização. Ainda para aquelas peças consideradas inteiras, anotaram-se os seguintes critérios:

- Eixo maior da superfície activa (emx)
- Eixo menor da superfície activa, lido na perpendicular do eixo maior (emn)
- Secção Longitudinal (eixo maior) + Transversal (eixo menor) da superfície activa, podendo ser:
 - bicôncava (bc)
 - Plano-côncava (pc)
 - Côncavo-convexa (cc)
 - Biplana (bp)
 - Plano-convexa (px)
 - biconvexa (bx)

Os sinais de reutilização foram enumerados: na superfície activa (s), com utilização conjuntural como percutor ou bigorna; no topo (t), com utilização definitiva como percutor ou bigorna; e nas extremidades (e), como percutor. As três poderão encontrar-se associadas.

